



A EXTREMA DIREITA GANHA A CENA POLÍTICA: OS ESTADOS UNIDOS NA VIRADA DOS SÉCULOS XX AO XXI

| 367

The extreme right reaches the political scene: the United States at the turn of the 20th to the 21st centuries

Mary Anne Junqueira*

Recebido em: 25/08/2024

Aprovado em: 29/10/2024

Resumo: Originalmente preparado para Conferência de Encerramento do Congresso da ANPHLAC, em julho de 2024, o texto é tentativa de discutir alguns elementos que levaram a extrema direita dos Estados Unidos deixar as margens para assumir o centro da cena política no século XXI. Entre eles destacam-se, em âmbito global, a crise do neoliberalismo; na esfera nacional, o crescimento de grupos extremistas e o movimento Tea Party que tomou o Partido Republicano. Tais eventos, entre outros, levaram à ascensão da extrema direita e pavimentou o caminho de Donald Trump à presidência do país.

Palavras-chave: Estados Unidos; Extrema-direita; Crise do neoliberalismo.

Abstract: Originally prepared for the Closing Conference of the ANPHLAC Congress, in July 2024, this paper discusses some elements that led to the extreme right in the United States to leave the margins to assume the center of the political scene in the 21st century. Among them, in a global scale, a neoliberalism crisis stand out; on a national level, the growth of far-right militias and the emergence of the Tea Party that took over the Republican Party. Such events, among others, led to the rise of the far right and paved the way for Donald Trump to become president of the country.

Keywords: United States; Far-right; Neoliberalism crise.

* Professora Associada de História dos Estados Unidos no Departamento de História e das Relações Interamericanas no Instituto de Relações Internacionais da USP – Universidade de São Paulo. Email: maryjunq@uol.com.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1056-0031>



Vivemos tempos incertos e de profundas transformações, algumas delas globais. Entre os grandes e pequenos acontecimentos que tiveram lugar nos Estados Unidos na virada do século XX ao XXI, o avançar da extrema direita para o centro da cena política — com apoio de grupos extremistas, evangélicos, tomando de assalto o Partido Republicano — é incontornável. Ainda que a ascensão desse extremo da política seja fenômeno mundial, o caso dos Estados Unidos é paradigmático, haja vista que desde a formação do Estado nacional, após a Independência em 1776, constituiu-se gradualmente uma cultura política, constantemente reforçada, em reverência às instituições e à construção política do país, por vezes elevando os Estados Unidos à posição superior aos demais (Kazin & McCartin, 2006; Junqueira, 2023; Limoncic, 2023). O instável cenário atual, em que a extrema direita contesta eleições, a democracia e o sistema político constituído, é a motivação desta conferência.

A ascensão da extrema direita é um desafio para o historiador, especialmente para aquele não dedicado à História do tempo presente ou aos processos históricos que já se encerraram. A Guerra Fria está concluída, embora vivamos ecos daquela ordem ainda hoje. Já o processo que levou ao crescimento da extrema direita está em andamento.

O deslocamento da extrema direita das margens ao centro do poder nos leva a refletir sobre dois aspectos importantes da História. O primeiro deles, a imprevisibilidade e o indeterminado rondam o campo. O lugar que a extrema direita vem ocupando era inconcebível há algumas décadas pelos estudiosos: ela avançou nos parlamentos de vários países, alcançou os mais altos postos dos executivos, como nos casos do Brasil, Argentina e Estados Unidos, para ficar apenas no espaço do Hemisfério Ocidental. Refiro-me aos mais argutos cientistas políticos, pensadores, articuladores de políticas públicas em *think tanks*, jornalistas etc.



Em segundo lugar, confirma-se que a humanidade não considera as “lições da História”¹. Naturalmente, a ideia de História como mestra da vida já foi francamente questionada. Entretanto, não devíamos ter esquecido tão rapidamente o que representou o nazismo, o fascismo e as cerca de 80 milhões de mortes no período da Segunda Guerra Mundial (Ferraz, 2022, p.7).

A minha intenção aqui é discutir alguns elementos que possam contribuir para a compreensão de como e porque a extrema direita deixou as margens para compor o centro da cena pública nos Estados Unidos. Esta conferência é, assim, baseada em perguntas para as quais busco respostas. O que fez com que fosse possível tal meteórica ascensão? A extrema direita não brotou em terreno infértil. Em qual caldo de cultura ela se alimentou?

Antes de entrar no tema, proponho pensar a extrema direita moderna na sua inserção entre os acontecimentos da virada do século XX ao XXI. Isso porque ela está imersa em meio a um conjunto de transformações do período ou é até mesmo consequência dessas mudanças.

Como se sabe, as últimas décadas do século XX viram crescer um fenômeno que alcança nossos dias: o neoliberalismo. *Grosso modo*, o neoliberalismo, em uma direção, valoriza o livre comércio, livre circulação de capital e bens conforme oferta e procura, a globalização e o cosmopolitismo cultural em consonância com a democracia; em outra, critica de forma ácida o Estado regulador. O neoliberalismo prometeu prosperidade para todos, já que cada um podia ser empreendedor de si mesmo.

Os arquitetos do neoliberalismo propõem um conjunto de práticas e dispositivos que prevê ação normativa, em nome da livre concorrência. Com discurso persuasivo alcançaram várias camadas das sociedades e distintas esferas da vida (Burgin, 2015; Dardot & Laval, pp. 13-34). Alegam que o bem-estar dos indivíduos está vinculado à liberdade de empreender de cada um, em ambiente

¹ Questionamento semelhante foi feito pela professora emérita do Departamento de História, FFLCH-USP, Maria Ligia Coelho Prado, em entrevista no ICL – Instituto Conhecimento Liberta, em 31/01/2024. <https://www.youtube.com/watch?v=uB6rscI6H8o>. Acesso em 14/08/2024.



que devem ser garantidos a propriedade privada, o livre mercado e livre comércio. Desse modo, o mercado serve de guia para as ações humanas e o Estado deveria atuar para garantir tais práticas (Harvey, 2008, pp. 2-3). A promessa de tal investida é a de que todos prosperariam: o processo de enriquecimento iniciado no Ocidente alcançaria inevitavelmente todo o mundo. A implicação dessa ordem de ideias é imanente e nossa velha conhecida: só não prospera quem não quer. Alan Greenspan, presidente do Federal Reserve em 2007, foi incisivo. “Não faz diferença quem será o próximo presidente. O mundo é governado pelas forças do mercado” (Slobodian, 2021, p. 15). Tal máxima procurava enfraquecer o nacional e diminuir o poder do Estado em qualquer possível regulação.

O neoliberalismo teve como um dos seus arquitetos nos Estados Unidos o republicano Ronald Reagan (1981-1989), mas encontrou no democrata Bill Clinton (1993-2001) o seu devotado empreendedor. Os anos 1990 foram o ápice do neoliberalismo nos Estados Unidos. Embora, essa ordem econômica estivesse em gestação bem antes disso (Slobodian, 2021; Burgin, 2015; Souza, 2021). Na mesma década de 1970, o Chile de Augusto Pinochet (1974-1990) foi laboratório importante para o deslanchar do neoliberalismo (Edwards, 2023).

O século XX se encerrou com a dissolução da União Soviética entre 1989 e 1991, exatamente quando o neoliberalismo caminhava para a sua potencialidade máxima nos Estados Unidos. Pois bem, o derretimento da União Soviética e os questionamentos da ideologia comunista fizeram dos Estados Unidos e do neoliberalismo triunfos globais (Kershaw, 2020; Kotkin, 2001; Service, 2015). Além de que, impulsionou para que a China experimentasse a economia capitalista.

Já o século XXI se abriu, nos Estados Unidos, com os ecos da contestada eleição entre George Bush do Partido Republicano e Al Gore do Partido Democrata, em 2000, quando o segundo ganhou no voto popular, mas em nome das tradições do país aceitou os resultados do colégio eleitoral. George Bush levou o maior número de delegados, presidindo o país por dois mandatos, entre 2001 e 2009. Como se sabe, nos Estados Unidos as eleições são indiretas. Em cada um



dos 50 estados da nação os norte-americanos votam em delegados que escolhem o presidente do país. Na maioria deles, o partido que recebe mais votos leva todos delegados. Isso quer dizer que quando a eleição está dividida — na ocasião em que os candidatos dos Partidos Democrata e Republicano apresentam pouca diferença de votos entre eles — é possível ocorrer essa dissonância (Limonic, 2023, pp. 147-152). O problema é que nas últimas décadas esse modelo tem atingido mais os democratas do que os republicanos. O mesmo ocorreu em 2016, quando Hillary Clinton venceu no voto popular por cerca de 3 milhões de votos, mas foi Donald Trump (2017-2021) que se tornou presidente porque ganhou no colégio eleitoral.

Na sequência da contestada eleição de George W. Bush, em 11 de setembro de 2001, os Estados Unidos foram palco do maior ataque terrorista da História — executado pela Al Qaeda. O objetivo era atingir os edifícios do poder econômico, militar e político. O ataque foi certo às torres gêmeas em Nova York e à sede do Pentágono em Washington. No mesmo dia, um terceiro avião, também nas mãos dos terroristas da Al Qaeda, caiu antes de atingir o edifício do poder político em Washington (Casa Branca ou Capitólio). Com saldo de 2.996 mortes, o ataque mudou os Estados Unidos, o mundo e as consequências repercutem ainda hoje (Wright, 2007).

A resposta não tardou: a concepção da Guerra ao Terror deixou o papel para ganhar protagonismo na política externa de George Bush, em que os estrategistas do governo articularam as invasões do Afeganistão e do Iraque. Tal intervenção internacional é devedora dos neoconservadores, aqueles que advoga(va)m o livre mercado articulado aos valores dos conservadores tradicionais (família e a religião), e mais a defesa impositiva dos Estados Unidos no âmbito internacional (Moll, 2021, p. 5). Influentes, os neoconservadores se organizaram em *think tanks*, universidades e em torno da Casa Branca, fosse qual fosse o mandatário do país. Nas últimas décadas do século XX e primeiros anos do XXI, grande parte dos neoconservadores eram entusiastas do neoliberalismo nos Estados Unidos.



Sete anos após o atentado, com os Estados Unidos ainda no rescaldo dos ataques, uma crise do neoliberalismo de grande porte engolfou o sistema financeiro, mergulhando o país e o globo em recessão. O mercado sem regulação levou à bolha imobiliária dos Estados Unidos, afetando a economia mundial. Os bancos liberavam créditos, o que ampliou o setor imobiliário, valorizando os imóveis. Os consumidores, cuja renda prescindia de comprovação, se endividaram em compromissos baseados em financiamento de alto risco (Duménil & Lévy, 2014).

Resultado: muitos não tiveram como honrar as dívidas, alimentando uma reação em cadeia que levou o insolvente banco de investimento Bear Stearns a ser vendido para o JP Morgan — com a ajuda do governo — pelo preço simbólico de U\$ 2,00 por ação. A sangria do Bear Stearns foi estancada, mas instituições ligadas ao universo imobiliário e às hipotecas, como Fannie Mae, Freddie Mac, AIG e Merrill Lynch estavam por um fio. Na sequência, o quarto maior banco de investimento dos Estados Unidos, o Lehman Brothers, foi arrastado para falência. As consequências, ainda presentes, se desdobraram em queda do mercado de ações, encolhimento da renda familiar, do consumo, da indústria, desemprego a mais de 10% etc. Como crises financeiras são crises de confiança, outros bancos e instituições ligadas a eles foram salvos pelo Estado porque eram “muito grandes para falir” (*too big to fail*), enquanto o ônus foi dividido com a sociedade (Tooze, 2019). Muitos norte-americanos perderam postos de trabalho, casas próprias, rendas de aposentadoria etc. A crise financeira de 2008 foi um divisor de águas que abalou o consenso político-econômico neoliberal dominante e franqueou as portas às transformações que estavam por vir.

A crise de 2008 movimentou a sociedade norte-americana e subiu o tom da desconfiança quanto ao sistema econômico em várias frentes. Um dos primeiros movimentos sociais críticos à situação a emergir foi o *Occupy Wall Street* (OWS), em 17 de setembro de 2011. O movimento tomou a Zuccotti Park, uma praça privada feita espaço público, controlada pelas companhias de investimentos Brookfield Properties e Goldman Sachs no distrito financeiro de



Nova York. Os manifestantes se organizaram pelas redes sociais e se orgulhavam de não ter lideranças ou hierarquias entre eles. Em sua maioria, eram jovens que se encontravam sem perspectivas após a crise de 2008. Eles denunciavam a desigualdade econômica e a concentração de renda das grandes empresas, principalmente as do setor financeiro. O movimento agia em consonância com a Primavera Árabe, cujo irromper ocorreu no mesmo ano. Os protestos se espalharam pelos Estados Unidos e pelo mundo (Kumkar, 2018). Assim sendo, Wall Street esteve no cerne dos acontecimentos das primeiras décadas do século XXI: primeiro, o ataque terrorista da Al Qaeda às torres gêmeas; na sequência, foi epicentro da crise econômica que lançou o mundo na recessão.

A crise de 2008 movimentou a esquerda e a direita. O terremoto levou à criação de uma ala à esquerda do Partido Democrata, conhecida como socialista democrática. Despontaram nomes como Elizabeth Warren, professora especializada em direito do consumidor e leis das falências da Harvard University. Warren se tornou nome nacional ao denunciar os interesses das grandes corporações, intercedendo pela regulação dos bancos, também após a crise de 2008. Além dela, Bernie Sanders, ex-deputado independente e depois senador do Partido Democrata pelo estado de Vermont, se notabilizou em favor do sistema universal de saúde, na crítica contumaz à desigualdade social e à política externa norte-americana (Green, 2014).

Ainda na esteira da crise, já em 2018, a câmara do país ganhou quatro deputadas vinculadas à vertente mais à esquerda do Partido Democrata. Foram eleitas Alexandria Ocasio-Cortez, por Nova York; Ilhan Omar, por Minnesota; Ayanna Pressley, por Massachusetts e Rashida Tlaib, por Michigan. Essas deputadas são conhecidas como *The Squad* (O esquadrão) em razão das pautas progressistas que defendem (Grim, 2023). Assinala-se que elas foram eleitas no primeiro ano de mandato de Donald Trump (2017-2021).

Se o deslocamento das placas tectônicas permitiu a movimentação à esquerda, ele foi também responsável pelo irromper da extrema direita à cena pública. Há alguns anos os especialistas consideram a escalada da extrema direita



como uma das consequências da crise do neoliberalismo, sendo que recentemente a interpretação vem ganhando densidade. (Brown, 2019; Fraser, 2020; Gerstle, 2022; Mudde, 2022).

Para a aproximação do tema, sobressai as proposições do historiador Gary Gerstle (2022), autor do influente *The rise and fall the neoliberalismo order. America and the world in the free market era*. Em um campo dominado pela Ciência Política, o historiador propôs uma interpretação para as transformações significativas que ocorreram nos Estados Unidos e impactaram o mundo.

Gerstle desenvolveu ao longo da sua carreira o conceito de ordem política: uma constelação de ideologias e políticas que moldou (e molda) os Estados Unidos, perdurando além dos ciclos eleitorais (dois, quatro, seis anos) e ultrapassando os partidos políticos (2022, p. 2). Segundo o autor, em 100 anos, os Estados Unidos atravessaram duas ordens políticas. A primeira, despontou entre 1930 e 1940, com o apogeu nos anos 1950 e declínio a partir dos 1970. Gary Gerstle e Steve Fraser (1989) deram a esse período o nome de *New Deal order* (ordem do New Deal), porque com esse programa foram cimentadas as estruturas do Estado do bem estar social que vigorou nos Estados Unidos no pós-guerra. A ordem do New Deal foi fundada na esteira da crise de 1929 e Grande Depressão. Na época, a crise fez convencer que o capitalismo entregue à sua própria sorte levava ao desastre econômico. Havia, portanto, a necessidade de um Estado central robusto, capaz de controlar o sistema econômico em nome do interesse público.

A segunda ordem política foi nomeada por Gary Gerstle como *neoliberalism order* (ordem do neoliberalismo) que decolou em fins dos anos 1970, com ápice nos 1990 e declínio a partir de 2010. A ordem neoliberal operou na direção contrária à do New Deal e sustentou que as forças do mercado tinham de ser liberadas da regulação governamental porque ela impedia o crescimento, a inovação e a liberdade. Os artífices da ordem neoliberal dissolveram quase tudo o que a ordem do New Deal construiu ao longo de 40 anos (2022, pp. 1-15).



Como ordens políticas ultrapassam os ciclos eleitorais e os partidos políticos, é possível compreender porque um presidente republicano como Dwight Eisenhower (1953-1961) confirmou o Estado do bem estar social e um democrata como Bill Clinton (1993-2001) liderou a culminância do neoliberalismo nos Estados Unidos. Gary Gerstle ao tratar das ordens políticas que vigoraram no país confirmou que a extrema direita avançou sobre os escombros do neoliberalismo (2022, pp. 230-267). Para o historiador, a ordem política do neoliberalismo se encerrou. Ainda que devamos viver muitos anos ou décadas com elementos dessa ordem. Da mesma forma, os norte-americanos convivem ainda hoje com alguns poucos elementos da ordem do New Deal.

As consequências da quebra do consenso político-econômico, após a crise de 2008 e as promessas não cumpridas do neoliberalismo fizeram que políticos de extrema direita ganhassem aberto apoio. Alguns se deslocaram para o extremo para representar os ressentimentos de uma certa população. Esse é o caso do próprio Donald Trump. Nos anos 1990, ele era a favor do seguro saúde universal, dos gays nas forças armadas, apoiou brevemente o aborto e chegou a defender a taxa de grandes fortunas. Aos poucos, ele foi se movendo mais e mais para o extremo da direita.

O saldo da crise do neoliberalismo nos Estados Unidos é desconcertante. A desigualdade social que era evidente ampliou-se. Milhares de empregos evanesceram. Os trabalhadores que conseguiram recolocação foram obrigados a aceitar remunerações aquém das que recebiam antes da crise. Passou-se a usar os termos precarizado, neologismo de proletariado, e uberização da economia. Pequenos negócios quebraram, famílias foram desestruturadas, bairros negros fortemente atingidos. O resultado inesperado caiu sobre os democratas: o partido perdeu grande parte dos seus apoiadores, agora sem emprego, que passaram a ver nos da extrema direita seus representantes

Apesar disso, após a crise, fortunas foram multiplicadas nos Estados Unidos, bancos de investimento e seguradoras foram salvos para manter o sistema. Apesar da devastação, confirmava-se a concentração de renda. Tal



acumulação, sob o meu ponto de vista, pode ser aproximada, com os devidos limites, daquela da virada do século XIX para o XX, em que o capital sem regulação estatal permitiu os grandes *trusts* e conglomerados que dominaram os partidos políticos e a cena pública nos Estados Unidos. Na época, desde os anos 1870, crises de superprodução se desenvolveram, mas não foram devidamente equacionadas e desaguaram na crise de 1929 e consequente Depressão (Limonic & Martinho, 2009).

Se o historiador Gary Gerstle é um dos que vê a ascensão da extrema direita na esteira da crise do neoliberalismo, o cientista político holandês, Cas Mudde, mais conhecido entre os brasileiros, tem outra motivação. O livro *A extrema direita hoje* é referência para os estudos da extrema direita moderna, com ênfase na Europa (2022). O que ele propõe é importante para o que trato aqui.

Mudde não está preocupado em marcar os contornos da ordem política do neoliberalismo como Gerstle, ainda que considere a crise econômica um dos fatores que alavancou a extrema direita à cena política. O especialista quer compreender como a extrema direita se desenvolveu do pós-Segunda Guerra Mundial ao século XXI, além de desenhar os atributos da extrema direita atual. Aliás, na minha opinião, parte dos estudiosos do campo tem como preocupação mapear essa extrema direita moderna, portanto, compreender o que está acontecendo.

Mudde se apoia em outro cientista político, Klaus Von Beyme (1988), que identificou três ondas da extrema direita na Europa no pós-guerra. A primeira delas, a neofascista entre 1945 e 1955, cujo pequeno grupo se manteve enquanto a extrema direita era rejeitada na nova ordem que se instituía. Baseava-se nos velhos fascistas de antes do conflito.

A segunda, o populismo de direita, entre 1955 e 1980. Eram neofascistas que ainda viviam às margens, mas já despontavam pequenos partidos e políticos populistas de direita. Por exemplo, a Frente Nacional de Jean-Marie Le Pen, na França. A terceira onda, Beyme considerou como de direita radical, entre 1980 e 2000. Período em que a extrema direita cresceu em resposta à imigração e ao



desemprego, principalmente após o fim da União Soviética. Nas duas últimas décadas do século XX, aos poucos, políticos de extrema direita passaram a ocupar os parlamentos.

| 377

Cas Mudde recupera as três ondas de Beyme e as atualiza, incluindo uma quarta: a extrema direita moderna. Ele sugere que ela tem início nos anos 2000, é reforçada pelos ataques terroristas de 11 de setembro e pela crise econômica de 2008. Para o cientista político, o que difere a quarta onda das anteriores é a naturalização e consolidação da extrema direita nos sistemas políticos. Portanto, é quando a extrema direita deixa as margens para ocupar o centro. Para o desenvolvimento dessa quarta onda foi central o que ocorreu (e ocorre) nos Estados Unidos, não apenas em razão dos fatos mencionados, mas por causa do crescimento dos aderentes ao extremo político.

Ainda assim, não é demais sublinhar que a extrema direita é uma das tradições dos Estados Unidos. Ela esteve atuante pelo menos desde o fim da Guerra Civil (1861-1865), com a constituição de grupos supremacistas brancos no Sul derrotado, logo se espalhando pelo Norte. Entre eles destacavam-se os grupos *The Knights of the White Camelia*, *White League* e a *Ku Klux Klan*, a última de alcance nacional (Junqueira, 2021). Durante o século XX outras vertentes do campo, como a direita cristã fundamentalista (Alves & Rocha, 2021) e grupos com contornos neofascistas, como a *National Alliance*, *White Aryan Resistance* e *Aryan Nations* estiveram em atividade (POGGI, 2015). Tais organizações revelam a tolerância dos Estados Unidos para com grupos de extrema direita que, não raro, evocam a primeira emenda da Constituição que prevê, desde 1788, liberdade de expressão, reunião, imprensa e culto religioso.

Com a evidência da crise global do neoliberalismo que permitiu a naturalização da extrema direita, passo a discutir dois fatos da História recente dos Estados Unidos que impulsionaram a extrema direita moderna. Refiro-me ao crescimento de grupos extremistas, como as milícias modernas e o movimento *Tea Party* que tomou de assalto o Partido Republicano. Enfatizo estes dois aspectos porque eles foram centrais para o deslocamento da extrema direita das



margens ao centro. Aqui, não vou entrar na dimensão evangélica da extrema direita em razão dos limites impostos por uma conferência, nem no papel da *internet* no favorecimento do campo, porque implicaria em discutir os sites de *imageboards*, como 4Chan, 8Chan ou o Breitbart News de Steve Banon (Fielitz & Thurston, 2019), cujas pesquisas necessitam ainda de consolidação.

No que diz respeito aos grupos extremistas, particularmente às milícias, um caso se tornou paradigmático ainda nos anos 1990: o cerco de Waco, no Texas. Portanto, período do governo Bill Clinton e apogeu do neoliberalismo nos Estados Unidos. Mas ainda antes de Waco, um caso isolado já havia chamado a atenção de alguns descontentes: Ruby Ridge. Em uma casa isolada, em Ruby Ridge, Idaho, vivia com mulher e filhos, um separatista e supremacista branco de nome Randy River. Ele fora intimado a se entregar às autoridades sob a acusação de vender armas ilegais a um disfarçado agente do ATF – Bureau of Alcohol, Tobacco and Firearms. Declarando-se antissistema, ele anunciou que jamais se entregaria às autoridades. Em 21 de agosto de 1993, o local foi cercado: o filho, a mulher de Randy River e um oficial federal foram mortos. O acusado, obrigado a se render.

O caso entrou no radar das milícias já com indignação, mas era ainda fato isolado. Então houve o cerco de Waco, pequena cidade do Texas. Vamos ao caso: em 1993, havia nas proximidades de Waco, uma seita do ramo davidiano, cisma dos Adventistas. O líder da seita comprava e modificava armas, inclusive militares, o que era proibido por lei. Ainda que a venda de armas fosse liberada, algumas regras deveriam serem cumpridas. Além disso, as autoridades do Texas haviam recebido denúncias de pedofilia e abuso sexual por parte do líder da seita, David Koresh.

Em Waco primeiro atuaram os agentes da já citada ATF- Bureau of Alcohol, Tobacco, Firearms and Explosives - que tentaram inicialmente resolver a situação, para em seguida entrar em ação a Army National Guard e o FBI. Os agentes das instituições não se entendiam entre eles. No caso do FBI, nem no interior da própria agência federal de investigação. Os agentes e militares temiam



que ocorresse algo semelhante à Guiana, Jonestown, em 1978, quando seita liderada pelo norte-americano, Jim Jones, acabou em suicídio coletivo.

O cerco em Waco durou 51 dias, foi amplamente televisionado, e considerado um erro por parte das forças policiais e militares que usaram a força no tratamento do caso. Ao fim, um incêndio se alastrou nas dependências da seita. O saldo também reverbera ainda hoje: foram mortos 4 agentes federais, 76 integrantes da seita, muitos deles mulheres e crianças, e o líder David Koresh (Cook, 2023). Waco paira como sombra sobre o FBI e sobre a ex-procuradora geral à época, Janet Reno.

Pouco conhecidos dos brasileiros, os casos de Ruby Ridge e Waco foram considerados pela extrema direita uma invasão do governo na vida privada dos cidadãos. Muitos grupos que viviam ainda às margens vieram a público se expressar a respeito da atuação de militares e agentes federais e estaduais. Na interpretação deles, a família de Idaho e os da seita do Texas foram atacados por causa da sua posição minoritária (Mulloy, 2008, p. 16).

Passou-se a fortalecer o ideário antissistema e antigoverno que já fazia parte das perspectivas das milícias. A partir de Waco, o número de milícias cresceu enormemente nos Estados Unidos (Crothers, 2019). Além da crença de que poderiam ser atacados por suas posições minoritárias, havia a certeza por parte dos extremistas de que os Estados Unidos eram uma nação em declínio moral, em plena decadência econômica e espiritualmente (Mulloy, 2008, p. 12).

Nos 51 dias do cerco de Waco, muitos seguidores antissistema visitaram o local. Entre eles estava Timothy McVeigh, que em 19 de abril de 1995, dia do aniversário de dois anos do incêndio de Waco, explodiu um edifício federal em Oklahoma. O terrorista doméstico atuou em parceria com Terry Nichols, ambos supremacistas brancos. Sublinho que eles escolheram explodir um edifício federal, o que indicava a concepção antigoverno central do terrorista doméstico. A explosão matou 168 pessoas, feriu mais de 680 e afetou 16 bairros da cidade. A explosão foi ouvida em Norman, região da Oklahoma University, a 25 minutos de carro do centro da detonação (Ward & Pilat, 2016, p. 1). A leitura que



McVeigh fez do caso de Waco mobilizou a ele e a outros para ataques ao governo em particular e ao sistema em geral. McVeigh era veterano da Guerra do Golfo. Uma de suas frases sempre citada sobre a explosão em Oklahoma é: Waco começou essa guerra.

Abril é considerado mês sangrento nos Estados Unidos. Soma-se ao caso de Waco o Massacre na Columbine High School, Colorado, em 20 de abril de 1999. Na ocasião, dois alunos mais velhos da escola mataram dois outros alunos e um professor, ferindo 21 pessoas, cometendo suicídio em seguida. As motivações para o ataque não foram explicitadas. Além dos dois manifestarem ódio nas redes, sabe-se que eles queriam fazer “algo grande”, como a explosão de Oklahoma.

Além do mês de abril, a década de 1990 é considerada um divisor de águas na História da extrema direita nos Estados Unidos. A partir de então outras milícias foram formadas, enquanto as mais antigas ganhavam mais e mais adeptos. (Mulloy, 2005, pp. 9-11). Apesar da característica heterogênea desses grupos extremistas, aos poucos a articulação entre eles passou a ser feita entre pontos distantes do país e fora dele, facilitada pela internet. Eles se preparavam, assim, para deixar as margens.

A Southern Poverty Law Center, instituição que monitora os mesmos grupos, registrou em 1999 a existência de 457 grupos extremistas; em 2005 já eram 804; em 2011, 1018. O número decresceu entre 2012 e 2015², para subir na sequência, alcançando em 2023 a existência de 1.430 grupos antigoverno³. Em julho de 2024, a página inicial do SPLC informava que eles monitoravam mais de 1.500 grupos extremistas.

O cerco de Waco se tornou simbólico para a extrema direita, tornando-se inclusive lugar de visitação para alguns extremistas. Para se ter ideia da importância de Waco, basta lembrar que o primeiro ato de campanha de Donald Trump para as eleições de novembro de 2024, ocorreu em abril de 2023. Qual o

² Southern Poverty Law Center. <https://www.splcenter.org/file/11756>. Acesso em 17/07/2024.

³ Southern Poverty Law Center. <https://www.splcenter.org/hate-map>. Acesso em 17/07/2024.



lugar escolhido? Waco. Exatamente na efeméride de 30 anos do incêndio. No comício, ele afirmou que a eleição de 2024 seria a batalha final: “Em 2016, declarei que sou a sua voz. Hoje, acrescento: sou seu guerreiro, sou a sua justiça e para aqueles que foram injustiçados e traídos, eu sou a sua retaliação”⁴. Com esse estratégico comício em Waco, Trump abria a campanha se remetendo diretamente à sua base ressentida, prometendo redenção. Dirigia-se às milícias e a outros grupos antigoverno e evangélicos. Definitivamente, Waco se transformou em “território sagrado” para a extrema direita.

Abro aqui parênteses para me remeter rapidamente aos evangélicos. O comportamento de Trump não é condizente com o que prega parte do mundo evangélico. Ele teve um caso com uma atriz de filmes pornográficos, por exemplo. Carter Wilson afirma que Trump fez uma barganha fáustica com o movimento evangélico. Isso porque ele assumiu a agenda de parte desse grupo religioso (2021, p. XIII). Em troca do apoio desse segmento – com a ajuda da Suprema Corte de maioria conservadora, inclusive com três magistrados indicados por ele –, Trump se comprometeu com a pauta antiaborto, contra direitos LGBTQIA+, aumentou o número de escolas religiosas, entre outras medidas.

Além do crescimento das milícias e outros grupos antigoverno, trato agora do segundo fato que impulsionou a extrema direita ao centro da política. Trata-se do advento do Tea Party. Ressalto a importância do fato: desta vez é o caso de uma facção da extrema direita que ocupou parte do Partido Republicano. De fato, tratou-se de uma insurgência de grupo extremista, internamente ao partido, contra os republicanos moderados.

O grupo surgiu em 2009, como consequência da crise de 2008 e em oposição a Barack Obama (2009-2017), o primeiro presidente negro dos Estados Unidos. Eles clamavam por redução de impostos e menos gastos do governo (Rafail & Mccarthy, 2023). Os do Tea Party eram barulhentos e já se

⁴ ABC News. <https://abcnews.go.com/Politics/trump-told-supporters-retribution-now-indicted/story?id=100386551>. Acesso em 18/07/2024.



manifestavam de forma ressentida. O nome Tea Party surgiu após Rich Santelli, da CNBC – Consumer News and Business Channel, se insurgir em frente ao Chicago Mercantile Exchange. Ele criticava as medidas para enfrentar a crise econômica de 2008, postas por Barack Obama, e apelava para que se realizasse uma revolta como a do Tea Party. Dizia ele: “Quantos de vocês querem pagar a hipoteca do vizinho que tem um banheiro extra e não consegue pagar as contas?” (Cher, 2021).

Organizar outro Tea Party, como se sabe, é referência ao período colonial e às insurgências e lutas que levaram as 13 colônias inglesas continentais a declarar independência em 1776. Antes disso, em 1773, insurgentes dos setores subalternos, no porto de Boston, lançaram ao mar um carregamento de chá, mercadoria de grande valia para os ingleses, danificando o produto.

Para os do Tea Party de 2009, o que fora importante no Tea Party do período colonial? A ação antigoverno inglês. O Tea Party rapidamente se constituiu como o maior bloco de coalizão no Partido Republicano e acelerou a ascensão de Donald Trump à Casa Branca. Era grupo heterogêneo, mas congregava número considerável de evangélicos. Eles conflagravam ao discursar, no Capitólio e fora dele, que os Estados Unidos tinham muitos impostos e pouco patriotismo (Wilson, 2021, pp. 71-74). Ainda que, em 2018, quando o Partido Republicano ganhou maioria na câmara e no senado e Donald Trump a presidência, o clamor inicial para o controle do orçamento federal e responsabilidade fiscal do Tea Party tenha ficado em segundo plano (Rafail & Mccarthy, 2023, p. 2).

Entretanto, a oposição à Barack Obama era a marca do grupo (Skocpol & Williamson, 2016). No âmbito das Relações Exteriores eles denunciavam que Obama abrisse relações com Cuba, entrara nos acordos do Clima de Paris, negociara com o Irã o programa nuclear; internamente, questionavam o programa de saúde Obama Care. O Tea Party defendia agenda nacionalista, antiglobalização e atacava os poucos programas econômicos admitidos pelos Estado.



O Tea Party dominou a máquina do Partido Republicano e nas eleições de 2010, ainda no rescaldo da crise de 2008, vários integrantes do grupo foram eleitos. O Partido Republicano ocupou 63 cadeiras na câmara, 42 delas alinhadas com o Tea Party. Não obstante, o que importa distinguir aqui é que já em 2015, o Tea Party submergia para dar lugar ao trumpismo. O empresário Donald Trump ao fim e ao cabo aderiu ao Tea Party. Até mesmo o slogan de Trump, *Make America great again* (MAGA), é semelhante ao do Tea Party, *Take America Back*. Na época, Trump já repetia que drenaria o pântano de Washington em fala colada nos discursos do Tea Party, claramente antipolíticos e antissistema.

Trump despontou como liderança do Tea Party ao levar à frente o movimento *birther* (nascimento) que questionava a nacionalidade de Barack Obama. Uma campanha de difamação foi lançada, afirmando que o presidente não havia nascido nos Estados Unidos. A Casa Branca foi obrigada a comprovar que Obama era natural do país. Na época, Donald Trump já criticava os Estados Unidos “fraturados” pelas identidades pós-modernas: mulheres, negros, gays etc.

O Tea Party foi assim a porta de entrada para a extrema direita tomar o Partido Republicano. O tema se impõe porque revela contradição: a extrema direita, antigoverno e antissistema, ocupou o centro da cena pública em um país orgulhoso das suas tradições e instituições políticas. Além disso, os norte-americanos, e outros, repetem constantemente que os Estados Unidos são a “mais antiga democracia do mundo”, valorizando o legado. Ainda que o mais correto seria afirmar que os Estados Unidos são o país com eleições indiretas consecutivas mais antigas do mundo. Embora eleições sejam muito importantes para a democracia, esta não se resume a elas. De qualquer forma, o avanço da extrema direita nos Estados Unidos, com práticas que visavam desacreditar ou destruir a democracia e o sistema que construíram, assustou muitos progressistas. O Tea Party e Donald Trump embaralharam as diretrizes do Partido, empurrando o grupo de conservadores não alinhados à extrema direita para as franjas do partido.



Renovo que o discurso que alcança grande parte da população que apoia Donald Trump é contra algumas consequências do neoliberalismo, como a globalização, os empregos que evanesceram, a desindustrialização, enquanto a indústria chinesa florescia. Trump se opõe ao NAFTA e aos acordos de livre comércio que foram defendidos pelo neoliberalismo. Racista e xenofóbico, ele completa(va) que negros e latinos ocupa(va)m postos de trabalho, empobrecendo os brancos. Se coloca contra a imigração e frontalmente contra o México e os mexicanos, embora grande parte dos imigrantes latinos sejam da América Central. Trump fala diretamente para o homem branco comum com baixa escolaridade.

Entretanto, não é possível incluir Trump na fronteira oposta ao neoliberalismo. Mesmo porque ele levou alguns neoconservadores, entre eles neoliberais, para o seu governo. Este é o caso de Michael (Mike) Pence, seu ex-vice-presidente, e político tradicional do Partido Republicano. É o caso também de Nimrata (Nikki) Haley, descendente de indianos sikhs, ex-embaixadora dos Estados Unidos na ONU, que também se deslocou cada vez mais para a extrema direita. A própria Haley concorreu nas primárias para nomeação na chapa do Partido Republicano para eleição de novembro de 2024. Na ocasião, bateu tanto em Donald Trump como no presidente Joe Biden (2021-), desistiu porque não decolou no correr da campanha; em seguida, declarou apoio ao primeiro.

Quanto à tentativa da extrema direita de representar os brancos pobres, principalmente os menos escolarizados, é importante ressaltar que se parte dos extremistas vai contra alguns dos princípios neoliberais, isso não quer dizer que ela apoie programas do Estado em prol da sociedade. Para a extrema direita moderna, o papel do Estado como regulador e operador de programas sociais é, em geral, rechaçado. Muitos defendem que as desigualdades são naturais e devem permanecer fora do âmbito estatal (Mudde, 2022, p. 39). Novamente, atuam em defesa do homem branco comum que consideram alijado exatamente pelas políticas do Estado que, segundo eles, deram lugar a mulheres, negros e população LGBTQIA+.



Trump como todos sabem é um *outsider* na política, mas ele já era um *outsider* no mundo dos ricos daquele país. Ele é originário do Queens, bairro externo à Manhattan. O pai dele, Frederick Trump, ascendeu construindo apartamentos para pessoas de baixa renda no Brooklin. Donald Trump tornou-se nome conhecido nacionalmente com o reality show *The Apprentice*. Ele é considerado pela nata de milionários de Manhattan, e além, um novo rico, um bufão (Gerstle, 2022, pp. 246-7). Embora empresário e rico, Trump é ele mesmo um ressentido.

Donald Trump chegou ao centro do poder para mandato entre 2017 e 2021. É considerado um dos mais extremados políticos a presidir o país. É certo que a extrema direita embaralhou o balanço de poder dos partidos Democrata e Republicano que operavam no sentido de “evitar os extremos”. Desde então Trump subverte aspectos importantes das tradições políticas norte-americanas: desacredita as instituições e testa os limites da democracia. Não foram anos fáceis, inclusive no que diz respeito aos brasileiros, já que a extrema direita do Brasil, e outras, se inspira especialmente na norte-americana. Além de estressar a corda no limite, escalando a polarização, Donald Trump incitou atos impensáveis na política norte-americana como o apoio à invasão ao Congresso em 06 de janeiro de 2021, em que grupos extremistas distintos, como Q’Anon, Oath Keepers, Proud Boys etc., tiveram papel preponderante.

O término da elaboração desta conferência ocorreu em uma das semanas mais intensas da política norte-americana das últimas décadas, em razão das eleições de 2024. Refiro-me à tentativa de assassinato de Donald Trump em 13 de julho de 2024; à escolha do candidato à vice-presidência para a chapa do Partido Republicano, J. D. Vance, jovem político com imagem vinculada ao homem branco comum do interior do país, em 15 de julho; à desistência do presidente Joe Biden em concorrer à reeleição e o apoio à vice Kamala Harris como candidata titular da chapa do Partido Democrata em 21 do mesmo mês.

As indicações também são de que ultimamente os Democratas entenderam o “espírito do tempo” e modularam discurso e práticas. Em outras palavras, eles



têm um diagnóstico: a ordem do neoliberalismo se esgotou, a pandemia da Covid-19 foi ponto de inflexão importante. Isto é, o mundo mudou desde os governos de Bill Clinton e Barack Obama. Provavelmente isso explique porque o moderado Joe Biden, que assumiu a presidência em plena pandemia, tenha promovido vacinação em massa, se aproximado dos sindicatos, visitado trabalhadores em greve na planta da General Motors em setembro de 2023, criado 15 milhões de empregos, investido 5 trilhões em infraestrutura física e social do país e revitalizado uma lei antitruste que frustrou o vale do silício. Sem dúvida, iniciativas diferentes das dos seus antecessores, apesar da inflação que ameaça constantemente (Gerstle, 2022, 268-293). Tais medidas sugerem que além dos democratas terem um diagnóstico para o atual momento, eles procuram recuperar os trabalhadores e desempregados perdidos para a extrema direita, após a crise econômica do neoliberalismo.

Entretanto, as mudanças postas pelos democratas têm muitos e demarcados limites. Para citar poucos e reveladores exemplos: na política externa, atuam em nome da ofensiva dos Estados Unidos no mundo, estabelecendo o protagonismo do país na guerra entre Rússia e Ucrânia e no indiscutível apoio à Israel, de Benjamin Netanyahu, na guerra do Oriente Médio, enquanto a Palestina definha aos olhos do Ocidente.

Em resumo, um conjunto de fatores foi responsável pelo avanço da extrema direita ao centro do poder nos Estados Unidos. Aqui abordamos três deles em que se destacam a crise e as promessas não cumpridas do neoliberalismo, o crescimento das milícias e outros grupos de extrema direita modernos e o advento da facção extremista Tea Party no cerne do Partido Republicano. A extrema direita moderna se estruturou e veio à tona em meio aos problemas do nosso tempo. Tais precedentes merecem o devido aprofundamento por parte dos historiadores que têm muito a contribuir, com o seu instrumental próprio, sobre os temas do presente. Entender a extrema direita — de onde ela partiu, quais degraus escalou — fecunda o terreno para pensarmos em maneiras de combatê-la. Repito aqui o que já vem sendo dito: essa extrema direita, agora



naturalizada no centro do poder, veio para ficar e os progressistas, democratas de distintos matizes, ainda não encontraram uma forma rápida e efetiva de lidar com ela.

| 387

Referências

ALVES Jr., Alexandre Guilherme da Cruz & ROCHA, Daniel. A direita cristã nos Estados Unidos: usos do passado e projetos políticos (1980). *Revista de História*, no 180, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/167180/170152>. Acesso em: 18/07/2024.

BEYME, Klaus Von. Right-wing extremism in western Europe. Londres: Routledge, 1988.

BLUM, Rachel M. How the Tea Party captured the GOP: Insurgent factions in American politics. Chicago: Chicago University Press, 2020.

BROWN, Wendy. Nas ruínas do neoliberalismo. A ascensão da política antidemocrática no Ocidente. São Paulo: Politeia, 2019.

BURGIN, Angus. The great persuasion: Reinventing free markets Since the Depression. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2015.

CHER, Bill. The Tea Party began 12 years ago. What's changed—and what hasn't. *Washington Monthly*, 19/02/2021. Disponível em: <https://washingtonmonthly.com/2021/02/19/the-tea-party-began-12-years-ago-whats-changed-and-what-hasnt/>. Acesso em 13/07/2024.

COOK, Kevin. Waco rising. David Koresh, the FBI, and the Birth of America's modern militias. Nova York: Henry Holt & Company, 2023.

CROTHERS, Lane. Rage on the right: The American militia movement from Ruby Ridge to the Trump presidency. Nova York: Rowman & Littlefield Publishers, 2019.

DARDOT, Pierre & LAVAL, Christian. A nova razão do mundo. Ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUMÉNIL, Gerard & LÉVY, Dominique. A crise do neoliberalismo. São Paulo: Boitempo, 2014.



EDWARDS, Sebastian. The Chile project. The story of the Chicago Boys and the downfall of neoliberalism. New Jersey: Princenton University Press, 2023.

FERRAZ, Francisco Cezar. Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Contexto, 2022.

| 388 FIELITZ, Maik & THURSTON, Nick (Ed.). Post-digital cultures of the far right: online actions and offline consequences in Europe and the U.S. Bielefeld: Transcript Publishing, 2019.

FRASER, Nancy. O velho está morrendo e o novo não pode nascer. São Paulo: Autonomia Literária, 2020

GERSTLE, Gary. The rise and fall the neoliberalism order. America and the world in the free market era. Nova York: Oxford University Press, 2022.

GERSTLE, Gary & FRASIER, Steve. The rise and fall of the New Deal order 1930-1980. New Jersey: Princeton University Press, 1989.

GREEN, Joshua. The rebels. Bernie Sanders, Elizabeth Warren and Alexandria Ocaso-Cortez. The struggle for a new American politics. Nova York: Penguin, 2014.

GRIM, Ryan. The squad: AOC and the hope of the political revolution. Nova York: Henry Holt and Company, 2023.

HARVEY, David. O neoliberalismo. História e implicações. São Paulo: Loyola, 2011.

JUNQUEIRA, Mary Anne. Estados Unidos. Estado nacional e narrativa da nação (1776-1900). São Paulo: EDUSP, 2023.

_____, A invasão do Capitólio à luz da História: a extrema direita como uma das tradições dos Estados Unidos. *Jornal da USP*, 15/01/2021. <https://jornal.usp.br/artigos/a-invasao-do-capitolio-a-luz-da-historia-a-extrema-direita-como-uma-das-tradicoes-dos-estados-unidos/>. Acesso em 13/09/2024.

KAZIN, Michael & McCartin, Joseph. Americanism. New perspectives on the History of an ideal. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2006.

KERSHAW, Ian. The global age. Europe 1950-2017. Nova York: Penguin, 2020.

KOTKIN, Stephen. Armageddon averted: The soviet collapse, 1970– 2000. New York: Oxford University Press, 2001.



KUMKAR, Nils. The Tea Party, Occupy Wall Street, and the great recession. Nova York: Palgrave, 2018.

LIMONCIC, Flávio. Estados Unidos no século XX. São Paulo: Contexto, 2023.

| 389 LIMONCIC, Flávio & MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes. A Grande Depressão. Política e economia nas décadas de 1930 – Europa, Américas, África e Ásia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

MOLL NETO, Roberto. O neoconservadorismo nos Estados Unidos da América: as ideias de Irving Kristol e a experiência política no governo Ronald Reagan (1981 - 1989). Revista de História, no 180, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/167180/170152>, Acesso em: 18 de julho de 2024

MUDDE, Cas. A extrema direita hoje. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2022.

MULLOY, Darren. American extremism. History, politics and the militia movement. Nova York: Routledge, 2005.

POGGI, Tatiana. Faces do extremo. O neofascismo nos EUA. 1970-2010. Curitiba: Prismas, 2015.

RAFAIL, Patrick & McCARTHY John D. The rise, fall, and influence of the Tea Party insurgency. Cambridge: Cambridge University Press, 2023.

SERVICE, Robert. The end of the Cold War: 1985–1991. London: Macmillan, 2015.

SKOCPOL, Theda & WILLIAMSON, Vanessa. The Tea Party and the remaking of republican conservatism. Londres: Oxford University Press, 2016.

SLOBODIAN Quinn. Globalistas. O fim do império e o nascimento do neoliberalismo. Florianópolis: Enunciado, 2021.

SOUZA, Rodrigo Farias. National Review. O moderno conservadorismo americano e a luta para “salvar” os EUA do comunismo, do liberalismo e da integração racial (1955 -1959). Revista de História, no 180, 2021. <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/167096/170150>. Acesso em 02/07/2024.

TOOZE, Adam. Crashed: How a decade of financial crises changed the world. Nova York: Penguin, 2019.



WARD, Jane & PILAT, Stephanie. Terror, trauma, memory: reflections on the Oklahoma City bombing—An introduction. *Social Science Quarterly*. Vol 97, no 1, 2016

| 390 WILSON, Carter. Trumpism race, class, populism, and public policy. Nova York: Lexington, 2021.

WRIGHT, Lawrence. O vulto das torres. A Al Qaeda e o caminho até o 11/09. São Paulo: Companhia das Letras, 2007